

Os Últimos 17: Relato de Experiência de Discipulado em Contexto Sensível

Hoang Ramos (pseudônimo)

O Projeto “Os últimos 17 povos” é uma iniciativa em curso há mais de oito anos em um contexto sensível no Sudeste Asiático, voltada a ampliar o acesso ao evangelho entre 17 povos ainda não engajados no país. O foco do projeto é mobilizar e fortalecer uma presença missionária consistente que viabilize primeiros contatos estratégicos, discipulados iniciais e, quando houver condições, o surgimento de comunidades de fé. O trabalho alcança crianças, jovens e famílias, e também envolve a formação e o fortalecimento de parceiros locais, reconhecendo que a sustentabilidade do avanço depende, em grande medida, da continuidade da ação por pessoas do próprio contexto.

A necessidade do projeto se impõe porque os poucos cristãos locais, somados às iniciativas missionárias já existentes, não conseguem, sozinhos, manter um movimento intencional, contextualizado e contínuo de aproximação a esses povos não engajados. Embora haja esforços dirigidos a povos não alcançados, permanece uma lacuna entre “existir cristãos no país” e “haver acesso real e sustentado ao evangelho” para determinados grupos. Além disso, o cenário tem se tornado mais restritivo em função de mudanças legais e governamentais, com aumento de pressão e risco, o que exige prudência, adaptação e formação mais sólida de redes locais.

A estratégia do projeto se organiza em três frentes complementares. A primeira é uma base relacional - conhecida como Casa Abraão, voltada à construção de confiança e continuidade de relacionamento. A segunda frente envolve a formação de pequenos grupos em ambientes de convivência e trabalho, buscando constância, vínculo e acompanhamento progressivo. A terceira frente atua por meio de lideranças do ministério esportivo, utilizando o esporte e iniciativas de apoio social como ponte de relacionamento e linguagem de acesso comunitário. Em todas as frentes, a comunicação do evangelho é intencional, respeitosa e contextualizada, procurando identificar “pessoas de paz” e construir caminhos para discipulado inicial, sempre com prudência adequada ao ambiente.

Em termos de resultados consolidados, o projeto reporta mais de 150 conversões ao longo de sua história e estima alcançar mais de 500 pessoas por ano, considerando contatos recorrentes, participação em atividades e exposição continuada ao discipulado inicial. Há também evidências qualitativas de mudança comunitária: em ao menos uma região onde, no início, não havia sinais de presença cristã, hoje há crentes que dão bom testemunho, indicando que sementes de fé foram plantadas e passaram a ter expressão local.

Dois episódios ilustram de modo representativo os aprendizados do projeto e seu valor como relato de experiência. O primeiro aconteceu durante o processo de mapeamento e priorização dos 17 povos não engajados. A equipe analisou números, localização e acessibilidade, organizando uma lista de prioridades e estratégias de aproximação. Contudo, percebeu que alguns dos avanços iniciais ocorreram com povos que estavam no final da lista. Ao aproximar-se desses grupos, houve conversões inesperadas, reforçando a percepção de que, embora o planejamento seja essencial,

a dinâmica do campo frequentemente desafia a lógica linear de priorização. O aprendizado central foi que o planejamento orienta, mas não determina o ritmo nem os “pontos de abertura” no contexto.

O segundo episódio envolveu um povo que a equipe buscava há longo tempo, sem conseguir localizá-lo com precisão. Em uma visita a um vilarejo de outro grupo já conhecido, um obreiro identificou um fator decisivo: o povo procurado estava mesclado com aquele outro grupo, o que explicava a dificuldade de encontrá-lo como comunidade separada. Meses depois, um evento cotidiano trouxe confirmação e abertura concreta. Uma obreira, em uma conversa casual durante um deslocamento comum, compartilhou o evangelho com uma senhora, explicando com clareza a obra de Cristo. Naquele mesmo momento, a senhora entregou sua vida a Jesus. Ao final da conversa, descobriu-se que ela pertencia exatamente ao povo que a equipe procurava — e que estava retornando ao vilarejo associado ao grupo onde essa mescla havia sido percebida. A partir dali, tornou-se possível iniciar visitas e compartilhamento sistemático com esse povo, que por tanto tempo havia sido alvo de oração e busca.

Essas experiências reforçam que a construção de acesso missionário em contextos restritos depende de um equilíbrio entre planejamento e sensibilidade ao campo, além de atenção a realidades socioculturais que nem sempre aparecem em classificações formais. O projeto também enfatiza que o discipulado precisa ser relacional e contínuo, frequentemente baseado em histórias bíblicas e acompanhamento pessoal, e que novos convertidos enfrentam pressão e perseguição, exigindo prudência e cuidado na progressão do discipulado e na exposição pública da fé. Entre os desafios atuais, destacam-se o aumento de restrições legais, a necessidade de mais trabalhadores e a importância de preservar a saúde emocional da família e da equipe, reconhecendo que sustentabilidade espiritual e emocional é um fator crítico para a continuidade da missão.

Para o próximo ciclo, o Projeto “Os últimos 17 povos” pretende manter a presença regular em vilarejos e redes locais e ampliar a capacitação de parceiros com visão de pequenos grupos. Para os próximos dois a três anos, o sonho é ver povos hoje não engajados tornando-se efetivamente alcançados, com histórias bíblicas sendo comunicadas e internalizadas em sua própria língua, fortalecendo a compreensão, a transmissão da fé e a formação de comunidades cristãs com identidade local. Por razões de segurança e ética, nomes, localidades específicas e detalhes operacionais foram omitidos ou generalizados, preservando-se o conteúdo essencial da experiência e seus aprendizados.